

Capítulo IV - Investigação-Ação. Arte Urbana. Um Recurso no Ensino - Educação Visual [7º ano]

IV.1. Introdução ao tema

A arte Urbana ferve no cenário mundial. Nos grandes centros, económico-culturais é uma realidade imperativa, e conseqüentemente começa a invadir as demais regiões com ascendente relevância, atraindo os mais diversos públicos também pela sua vertente “espectacular”.

O número de obras de arte urbana em Portugal aumentou nos últimos anos, resultante do desenvolvimento económico, do aumento da sensibilidade social e da necessidade de dinamizar e requalificar espaços urbanos frequentemente devolutos, mas não só. A sua manifestação, nos espaços públicos, altera a aparência do ambiente e possivelmente altera também a percepção estética da população que reside no local ou que faz deste o seu local de passagem.

Para compreender o potencial de Arte Urbana, como recurso pedagógico, teremos que conhecer a Arte Urbana, os seus valores estéticos.

Torna-se assim imprescindível definir Arte Urbana através de uma revisão histórica e procurar as manifestações mais actuais.

O termo “Arte Urbana” refere-se a manifestações artísticas desenvolvidas no espaço público, distinguindo-se de manifestações de carácter institucional ou empresarial, bem como de mero vandalismo. Estas manifestações encontram-se em zonas de fácil acesso e têm potencial para representar a identidade do espaço criado para as pessoas que o irão usar. Este processo é involuntário e oferece, a pessoas não especializadas, o contacto com a arte. Pinturas, estátuas, esculturas, monumentos, a calçada portuguesa, graffiti, festivais, acontecimentos e actuações, podem ser consideradas manifestações de arte urbana, ou seja, qualquer manifestação num espaço público, com acesso e entrada livre para toda a gente. É, assim, uma arte democrática quer do ponto de vista da produção, quer do ponto de vista da fruição.

Muitas pessoas não valorizam a Arte Urbana, talvez por esta não estar em museus ou galerias de arte ou talvez por não saberem apreciar arte. De acordo com Remesar (2000a:197)⁷³ o público em geral tende a ser receptor passivo das soluções artísticas das

⁷³ Remesar, Antoni (2000a) - Art against people: Straits between democracy and public art. In Remesar, Antoni - Waterfronts of Art 2. Art for social facilitation. Barcelona: Universitat de Barcelona. [consult. 11/11/05] Disponível na URL:http://www.ub.es/escult/epolis/artfsoc/artforsocial_part2.pdf.>

operações estéticas criadas para lugares específicos. O autor refere “*nós encontramos manifestações de arte todos os dias enquanto andamos pelas cidades que conhecemos, mas nem sempre as entendemos*” (Remesar 2000b:201)⁷⁴. Existe já aqui um imperativo educacional: se as pessoas “não entendem” de arte, não estão dispostas a aprender alguma coisa sobre a mesma. Aqui a educação em arte torna-se extremamente importante, uma vez que, para além de outros benefícios, oferece as ferramentas necessárias para facilitar a apreciação (Parsons 2000)⁷⁵, despertando o espírito crítico e tornando-as mais exigentes.

Arte urbana existe onde vivemos, trabalhamos ou passamos o nosso tempo livre. Mesmo sem prestarmos muitas vezes atenção, ou sermos conscientes de como o que nos rodeia nos afeta, o contacto diário com a Arte Urbana, influencia as nossas percepções estéticas, uma vez que optamos, a maior parte das vezes, em passar nos sítios “agradáveis” ou apazíveis. Idealmente, gera no cidadão comum a necessidade de preservar o passado e, em concreto, a Arte Urbana.

Valerie Holman (1997:128)⁷⁶, escreveu sobre a potencial educação em arte urbana, a autora refere que para isso é preciso não só as capacidades visuais inatas como um nível superior que só se adquire estudando trabalhos de arte.

Neste capítulo, far-se-á uma reflexão sobre até que ponto é importante repensar o ensino das Artes Visuais no 3º ciclo, avaliando os contextos das manifestações de arte urbana e sua intrínseca relação com a bagagem sociocultural que esta engendra na formação de conceitos sobre o mundo que habitamos.

Será que é imprescindível que a arte e, em especial, a Arte Urbana, deva ser discutida, problematizada, auscultada na escola? Se grande parte do que se produz, hoje, no cenário artístico está em consonância com os conflitos e com a realidade que presenciamos diariamente, não a devemos ignorar.

A grande maioria, dos alunos do 3º ciclo têm um conceito muito vago sobre arte, desconhecendo o que é Arte Urbana, como e quando acontece, o porquê dos locais das manifestações, dos materiais, das linguagens e da alteração dos conceitos ao longo do tempo. O problema consiste no facto de que a arte de que se fala nas escolas, muitas vezes, reduz-se ao património nacional e no máximo aborda-se arte moderna.

Para comprovar a veracidade da afirmação anterior, far-se-á uma intersecção entre Arte Urbana e Artes Visuais (Educação Visual), respondendo às seguintes questões de investigação: Até que ponto a Arte Urbana pode ser levada até às aulas de Artes Visuais e ser utilizada como recurso para as mesmas? Que mais-valia tem este tipo de arte para o ensino?

⁷⁴ Remesar, Antoni (2000b) - *Repensar el paisaje desde el rio*. In MADERUELO, Javier - *Arte público: Arte y Naturaleza: actas del V curso*. Huesca: Diputación de Huesca.

⁷⁵ PARSONS, Michael, *Dos Repertórios às ferramentas: ideias como ferramentas para a compreensão das obras de arte*. In FRÓIS, João Pedro, *Educação estética e artística: abordagens transdisciplinares*. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian, 2000

⁷⁶ Holman, Valerie (1997) - Public Art: the problems and potential of multiple meanings. *Journal of Art & Design Education*. [Wiltshire]: Blackwell Publishing and NSEAD. ISSN 1476-8062. vol. 16 (1997) n.º 2. p. 127-135

Para desenvolver este capítulo, a Dissertação de Mestrado do Doutor Ricardo Reis⁷⁷ - “Arte Pública como Recurso Educativo”⁷⁸ - servirá de ponto de apoio.

O objectivo final é produzir um plano de aula e aplicá-lo na turma do 3º ciclo, 7º Ano, Educação Visual, na Prática de Ensino Supervisionado, durante o 3º Período na Escola Secundária Quinta das Palmeiras. É de referir, que a autora deste relatório já abordou a Arte Urbana, noutras escolas, onde leccionou, o que permitirá rever, reformular e comparar resultados. O plano incluirá uma visita para observarem o trabalho desenvolvido pelos artistas que participaram no Wool - Festival de Arte Urbana, na Covilhã⁷⁹, como também obras de Arte Urbana que se encontrem no trajeto, com as quais os alunos contactam diariamente mas sem lhes prestarem a devida atenção. Será também planeada, organizada e realizada uma actividade para a comunidade escolar - uma palestra dada pela organização do Wool, e posteriormente a pintura de um mural, no âmbito da comemoração dos 25 anos da escola cooperante.

O interesse por Arte urbana, da autora deste relatório, começou em 2006, com o mediático evento *CowParade*⁸⁰, em Lisboa. Desde aí fotografou tudo o que envolvia Arte e Ruas. Depois de leccionar em várias escolas no país, e de introduzir o tema na sua prática pedagógica, surge a questão do porquê a Arte Urbana não ser usada nas escolas como recurso de ensino/aprendizagem.

IV.2. Arte Urbana

IV.2.1. Considerações sobre Arte Urbana

Arte Urbana ou *street art* é a expressão que se refere a manifestações artísticas desenvolvidas no espaço público.

A princípio, um movimento *underground*, a *street art* foi gradativamente constituindo-se como forma do fazer artístico, abrangendo várias modalidades de grafismos - algumas vezes muito ricos em detalhes, que vão do Graffiti⁸¹ ao Stencil⁸², passando por

⁷⁷ Ricardo Reis é Professor de EVT na EBI Quinta de Marrocos, Mestre em Educação Artística, Formador na área da didáctica da Artes Visuais.

⁷⁸ Reis, Ricardo, *Dissertação: Arte Pública Como Recurso Educativo*, Universidade de Lisboa - Faculdade de Belas Artes, 2007

⁷⁹ O WOOL - Festival de Arte Urbana organizado na Covilhã propôs-se utilizar o espaço público da cidade como suporte para intervenções de artistas urbanos como meio de aproximar a cultura à comunidade e despertar o seu interesse pela arte contemporânea, neste caso, a arte urbana.

⁸⁰ CowParade é uma exposição de arte pública que foi apresentada nas principais cidades em todo o mundo. As esculturas das vacas são em fibra de vidro, decoradas por artistas locais e distribuídas pelas cidades. Depois da exposição, são leiloadas e o dinheiro é entregue a instituições de caridade.

⁸¹ Graffiti é a designação para as pinturas feitas em muros e paredes na rua.

⁸² Stencil: desenho ou ilustração que representa imagens figurativas ou abstratas, que possa ser delineada por corte ou perfuração em papel, papelão, metal ou outros materiais.

stickers⁸³, cartazes⁸⁴, intervenções⁸⁵, instalações⁸⁶, *flash mob*⁸⁷, entre outras. São formas de, indivíduos, expressarem os seus sentimentos através de desenhos/pinturas.

A expressão Arte Urbana surge inicialmente associada aos pré-urbanistas culturalistas como John Ruskin⁸⁸ ou William Morris⁸⁹ e posteriormente ao urbanismo culturalista de Camillo Sitte⁹⁰. O termo era usado (em sentido lato) para identificar o "refinamento" de determinados traços executados pelos urbanistas ao "desenharem" a cidade.

Da necessidade de flexibilidade no desenhar da cidade surgiu a figura dos planos de gestão. Este facto fez cair em desuso o termo Arte Urbana, ficando a relação entre Arte e cidade confinada, durante anos, à expressão - Arte Pública.

Dada a dificuldade de enquadramento das inscrições murais, feitas à revelia das autoridades e proprietários, no conceito de arte pública, assiste-se a um ressurgimento da designação de "Arte Urbana" que passou a incluir todo o tipo de expressões criativas no espaço colectivo. Esta designação adquiriu assim um novo significado e pretende identificar a Arte que se faz no contexto Urbano à margem das instituições públicas.

Podemos referenciar alguns dos vários artistas reconhecidos, no mundo da Arte Urbana, tais como:

- Jean-Michel Basquiat (Nova Iorque, 22 de dezembro 1960 - 12 de agosto de 1988). Ganhou popularidade primeiro como um *Writer* e como neo-expressionista.



Ilustração LXVII - Graffiti de Jean-Michel Basquiat

⁸³ Sticker é uma modalidade de Arte urbana que utiliza de etiquetas adesivas. É uma manifestação da arte pós-moderna popularizada por grupos urbanos ligados à cultura alternativa.

⁸⁴ Cartaz é um poster artístico de tamanho variado que é colado em espaços públicos. Podem ser pintados individualmente com tinta látex, spray ou guache.

⁸⁵ Intervenção: é um tipo de manifestação artística, geralmente realizada em áreas centrais de grandes cidades. Consiste em uma interação com um objeto artístico previamente existente ou com um espaço público, visando colocar em questão as percepções acerca do objeto artístico. A intervenção artística tem ligações com a arte conceitual e geralmente inclui uma performance.

⁸⁶ Instalação Artística: é uma construção de cenário ou intervenção, que rompe com o espaço tradicional da galeria ou do museu. É uma obra de arte que só "existe" na hora da exposição, é montada, e depois desmontada, sendo que de lembrança da mesma só ficam as fotos.

⁸⁷ *Flash Mobs* são aglomerações instantâneas de pessoas para realizar determinada ação inusitada previamente combinada, estas dispersam-se tão rapidamente quanto se reuniram.

⁸⁸ John Ruskin (Londres, 8 de fevereiro de 1819 - 20 de janeiro de 1900) foi um escritor, mais lembrado pelo seu trabalho como crítico de arte e crítico social britânico. Foi também poeta e desenhista.

⁸⁹ William Morris (24 de março de 1834 - 3 de outubro de 1896) foi um dos fundadores do Movimento das Artes e Ofícios britânico. Ele era pintor de papéis de parede, tecidos padronizados e livros.

⁹⁰ Camillo Sitte (Viena, 17 de abril de 1843 - Viena, 16 de novembro de 1903) foi um arquiteto e historiador da arte austríaco, diretor da Escola Imperial e Real de Artes Industriais de Viena.

- Banksy, notório artista britânico de trabalhos em *Stencil*;
- Shepard Fairey, designer gráfico contemporâneo e ilustrador, americano, que se dedica também à Arte Urbana através dos *Stickers*;
- Julian Beever, artista inglês de graffitis 3D. Nesta vertente ilusionista contam-se outros artistas como Kurt Wenner, Eduardo Relero e Tracy Lee.
- Mark Jenkins, artista norte-americano com trabalhos publicados no *Times* e no *Washington Post*, irreverente e polémico. Nas suas obras, muitas delas usando embalagens e fita adesiva, recriam-se situações inesperadas com objectos ou bonecos que imitam pessoas reais. As instalações, feitas em zonas citadinas sem autorização oficial, procuram, segundo o autor, revitalizar o que ele considera “o cemitério”.



Ilustração LXXVIII - Stencil feito por Banksy na Palestina



Ilustração LXIX - Stickers feito por Shepard Fairey



Ilustração LXX - Graffiti 3D de Julian Beever



Ilustração LXXI - Intervenção Urbana de Mark Jenkins

IV.2.2. Conceito de Arte Urbana

Antes mesmo de falar sobre o conceito de Arte Urbana, é importante abordar a Arte Contemporânea.

A partir da década de 60 (sex. XX), segundo alguns autores, como Cauquelin (2005)⁹¹ e Millet (1997)⁹², os artistas procuram questionar os suportes, os materiais, os espaços de exposição, gerando conflitos e polémicas.

Na Arte Contemporânea, vivemos a era da comunicação, das novas tecnologias e da aparente inexistência de vanguardas, movimentos ou grupos definidos, com manifestos, como existiram na Arte Moderna. É a era da produção individualizada por parte do artista, o qual recorre frequentemente à contribuição de especialistas de outras áreas do conhecimento para realizar uma obra artística, sendo responsável pela ideia. Isso é muito comum em trabalhos que envolvem a Arte e a Tecnologia, conhecimentos sobre arquitetura, ciência, entre outros.

Por isso, muito do que se produz hoje, ou se produziu nas últimas décadas desafia a supremacia/catalogação de linguagens tradicionais (pintura, escultura, desenho), além de causar estranhamento no espectador que se depara com objetos do quotidiano legitimados como arte. Objetos estes que provocam, em muitos casos, desconforto ou julgamentos que negam este mesmo objeto ou obra como artísticos.

O público estranha, ainda mais, quando o objeto artístico estreita os laços entre a vida e o quotidiano das pessoas, quando deixa de ser apenas destinado a preencher as lacunas brancas de museus e galerias para se adentrar na realidade caótica das cidades, do espaço urbano, nos cafés ou grandes avenidas. As pesquisas dentro do campo da arte abrangem cada vez mais os espaços externos alternativos como “cenários” para a ação de diversos artistas, principalmente, através das intervenções e ações performativas que desmistificam os próprios lugares comuns de exposição: salas sempre fechadas, limpas, organizadas, prontas para receber uma obra de arte, verdadeiros cubos imaculados, onde expõem apenas os “eleitos”.

Por outro lado, esses lugares alternativos, por assim dizer, propõem fazer com que a arte circule pelos trajetos diários das pessoas, tornando-a mais próxima das mesmas. Mas esse desejo de aproximar a arte da vida acaba surtindo, algumas vezes, efeito contrário, causando os chamados ‘estranhamentos’.

A participação do público nas obras artísticas, dentro ou fora de museus e galerias constituiu-se numa prática frequente das produções contemporâneas. O público ao deslocar-se dentro de um espaço de exposição e perceber que a obra ali exposta é passível de ser manipulada, tocada, deslocada, cheirada, degustada, vestida, e até desmaterializada, depara-se então, com outra forma de recepção da obra que vai além da supremacia do olhar. Outros sentidos são convidados a fazer parte dessa ‘apreciação/fruição/leitura’ e o ‘espetador/leitor/interator’ é convidado a ser um participante ativo da mesma.

Devido ao mencionado estranhamento, muita gente se questiona sobre o significado do termo Arte Urbana. Para alguns, este termo não passa de uma redundância, na medida em que toda a arte pode ser considerada pública, porque é exposta em instituições de acesso livre como os museus e galerias. Contudo, existe uma clara pertinência para a criação deste termo, na medida em que possibilita distinguir as diversas formas de arte realizadas no

⁹¹ Cauquelin, A., *A Arte Contemporânea*. Portugal: Editora-Res, 2005

⁹² Millet, C. *A arte Contemporânea*. Lisboa: Instituto Piaget, 1997

espaço público. Arte Urbana significa, em traços gerais, todas as intervenções artísticas realizadas num espaço público de livre acesso (rua, praça, jardim, metro, fachada de edifício, internet, etc.).

A Arte Urbana engloba uma grande diversidade de géneros artísticos, desde a escultura, pintura, grafiti, mosaico, mural, baixo-relevo, performance, entre outras formas de expressão. Tudo o que esteja relacionado directa ou “indirectamente” com o espaço público e a sua vivência social. Portanto, não existem fronteiras rígidas e pré-determinadas, porque o conceito de espaço público encontra-se em constante evolução. Por exemplo, a internet tem-se revelado, cada vez mais, num espaço público (virtual) por excelência, onde se inscrevem as mais variadas formas de arte (ciberarte, etc.).

A Arte Urbana contemporânea apresenta importantes características a nível formal e conceptual. A ruptura com as concepções comemorativas e evocativas tradicionais, o abandono do pedestal e do carácter objectual da obra de arte, uma nova relação com o espaço envolvente e com o público. A arte pública privilegia o lugar do espectador, tornando a sua percepção sensorial e a sua participação numa parte fundamental da obra. Mas, não é apenas o público que passa a ser entendido como tema da obra, mas também o próprio espaço envolvente. A “paisagem” em redor não funciona como um fundo, mas transforma-se na própria génese da obra.

A nível temático há um abandono dos temas clássicos com conteúdo comemorativo, e uma nova incursão pelas poéticas pessoais e assuntos do quotidiano, abrangendo em alguns casos situações sociais.

A multidisciplinidade torna-se numa prática cada vez mais comum na arte urbana contemporânea, observa-se uma simbiose e apropriação da linguagem de disciplinas como a arquitectura, design de equipamento, publicidade, sociologia, ecologia, entre outras.

IV.3. Arte Urbana e o Ensino das Artes Visuais

IV.3.1. A parte educacional da Arte Urbana

“Quem examinar com atenção a arte dos dias atuais será confrontado com uma desconcertante profusão de estilos, formas, práticas e programas. De início, parece que, quanto mais olhamos, menos certeza podemos ter quanto àquilo que, afinal, permite que as obras sejam qualificadas como ‘arte’” Archer (2001, IX)⁹³

No Ensino das Artes Visuais, é de suma importância enfatizar as tendências e manifestações artísticas contemporâneas, entre elas a Arte Urbana e suas implicações na formação cultural dos alunos, não devendo ser compreendida como uma questão de

⁹³ Archer, Michael, *Arte contemporânea: uma história concisa*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

‘modismo’ na prática pedagógica do professor. A Arte Contemporânea, quando trabalhada na escola, é abordada brevemente, evidenciando uma maior atenção para as remotas manifestações e obras que já estão legitimadas e consagradas dentro da História da Arte.

Se é um fato que a arte e as actividades artísticas contribuem para o desenvolvimento de algumas competências que expandem a capacidade de dizer mais e melhor sobre o universo pessoal do aluno e sobre o mundo, a disciplina de Educação Visual (e não só) deve ser encarada como uma área de conhecimento comprometida com a formação cultural dos mesmos, não apenas como um momento de lazer e diversão.

Compreender que o conceito de arte se modificou ao longo do tempo e que fazer arte (Artes Visuais) não é cumprir com um manual de instruções, exige do aluno que perceba e compreenda a obra através dos sentidos, da emoção e, finalmente, do intelecto.

Ao pontuar e analisar algumas dessas pesquisas da esfera artística contemporânea abre-se o universo do aluno a experiências novas e diversificadas. Através do conhecimento da Arte Urbana poderão compreender como determinados artistas se apropriam do espaço urbano, como se configura a poética desses artistas, os seus processos criativos, propósitos dos trabalhos, verificar de que forma a arte pode estar inserida no seu quotidiano e, ainda, sensibilizar para a pluralidade cultural.

A Arte Contemporânea consiste ainda num enigma ou é vista como tal porque, geralmente, encontramos algumas resistências por parte dos professores em abordá-la em sala de aula. Isso se deve ao facto, de que a Arte Contemporânea se utiliza cada vez mais de objetos, espaços e ações quotidianas tornando-se muito próxima da realidade vivida, onde se questiona atualmente o que é arte ou quando ela acontece. Talvez por este facto, torna-se um desafio para o educador produzir, juntamente com os seus alunos, sentidos para aquilo que é produzido e legitimado na esfera artística. Outro dado importante deve-se à insegurança e ao pouco preparo do docente em trabalhar a arte contemporânea na escola.

Por isso, para o contexto actual da educação em Arte é importante que o professor esteja actualizado e tenha uma preparação e preocupação prévia com o que será discutido em sala de aula, pois este, também é responsável pela formação de conceitos e representações sobre uma obra artística e sobre a arte em si. Necessitando também de leituras, diálogos e um olhar acolhedor, porém questionador, que possa instigar nos alunos à curiosidade e à compreensão do que é ou não arte, quando ou como ela acontece.

A arte constitui-se numa linguagem visual que comunica, questiona valores e inquieta, além de estar perante os nossos olhos e não podermos negar as suas manifestações. Muito embora os alunos da escola afirmem não entenderem o que a arte atual propõe, é papel do professor de arte trabalhar esses conhecimentos fomentando um pensamento crítico propositivo.

O território da arte abarca desde as fronteiras históricas, culturais, sociais, políticas e económicas, em que o erudito e o popular, a cultura de massas, a estética do quotidiano, as novas tecnologias, a arte contemporânea em si, fazem parte das discussões vigentes do Ensino da Arte na contemporaneidade, que não podem ser ignoradas pelo docente.

Na sociedade da informação (mais e mais globalizada e interdependente) o cruzamento entre o local e o global é praticado no dia-a-dia. Em um mundo cada vez mais interconectado por sistemas e redes de informação, a pluralidade, a fragmentação de crenças, as múltiplas culturas de gosto e de género artístico fundem-se em conflituantes tentativas de diálogo. Estes problemas, tão importantes para os movimentos de reconstrução social, na perspectiva que esta reflexão segue, podem ser também ‘o pano de fundo’ para uma concepção de arte-educação que se compreende democrática, inclusiva e competente. (FRANZ, 2003, p. 2)⁹⁴

Wilson (2004)⁹⁵ sublinha que, se quisermos saber o futuro da arte/educação, devemos consultar e observar o mundo da Arte Contemporânea. Talvez o inverso seja verdadeiro também, pois a arte depende necessariamente, de um público que esteja aberto e educado para dialogar com obras e artistas. E isso é compreensível porque comprova a necessidade de preparação, conhecimento, pesquisa e reflexão por parte dos professores sobre a realidade artística que se apresenta para que se realize uma educação visual consistente. Muitas vezes gosta-se de arte porque se conhece ou vice-versa.

Percebe-se, muitas vezes, que os educandos têm uma noção de que a arte é algo distante, feito por génios. Nota-se que a maioria dos alunos entende que a arte é algo que está nas antípodas do seu quotidiano, feita por artistas “génios”, que dominam certas linguagens, e que esses “seres” geralmente já não existem mais.

A falta de conhecimentos dos nossos alunos, em relação a conceitos e produções mais actuais, pode ser justificada pelo facto de estarem acostumados a uma educação que enfatiza a arte ao nível da expressão e da percepção formal, ou seja, que não garante o acesso aos alunos, ao seu conteúdo e contextos socioculturais, e não utiliza a sua capacidade de nos fazer pensar e questionar sobre a realidade.

A arte urbana, padece ainda mais de menosprezo talvez por se encontrar fora dos espaços de validação da arte (museus, galerias, etc.). Pior, grande parte da população escolar desvaloriza qualquer manifestação artística. Nota-se, então, aqui uma deficiente educação artística, pelo que urge, fazer uma reformulação acerca do que se ensina e se aprende sobre a arte a partir de uma visão actualizada do ensino.

De um lado temos um conjunto de conhecimentos que o aluno deve possuir para se sentir apto para fruir uma obra de Arte Urbana e do outro lado temos as obras de Arte Urbanas que encerram em si um conjunto de conhecimentos que as torna num importante recurso educativo e com as quais poderemos aprender algo. Esta é uma dicotomia a explorar em entorno educativo. É aqui que a educação artística ganha uma importância extrema ao dotar os indivíduos das ferramentas necessárias para que se sintam aptos a fruir as obras de arte, a exercer juízos informados sobre a qualidade estética do mundo que habitam e dos

⁹⁴ Franz, T., *Desafios para uma arte/Educação pós-modernas*. Disponível em <http://www.funarte.gov.br>, 2003, p.2-10

⁹⁵ Wilson, Brent; HURWITZ, Al e WILSON, Marjorie (2004) - *La enseñanza del dibujo a partir del arte*. Barcelona: Paidós.

objectos que usam e, não menos importante, contribuir para a diferença e competitividade de ideias originais, que hoje mais do que nunca, geram infinitas possibilidades de negócios.

Todos os dias nos cruzamos com obras de arte no nosso movimento pelas cidades, obras essas que não entendemos, mas que consentimos, uma vez que não temos atitudes de reprovação mas de indiferença perante elas (Remesar 2000b: 201)⁹⁶. Existe um alheamento entre o público e a arte que a ele foi consagrada.

O potencial da Educação em Arte Urbana, em Portugal, é negligenciada em comparação com outros países, tais como Inglaterra e Espanha e ainda mais em relação aos Estados Unidos da América, onde programas universitários de estudos específicos em arte pública foram desenvolvidos. Ricardo Reis (2007)⁹⁷ refere que existem muitas cidades em Portugal que promovem activamente a introdução de arte em espaços urbanos, mas descuram a sua vertente educacional. Temos como exemplo a cidade da Covilhã, que está a ser palco de um festival de arte urbana “Wool - Festival de Arte Urbana”.

O WOOL - Festival de Arte Urbana da Covilhã propõe-se utilizar diversas paredes da cidade como suporte para intervenções de artistas urbanos, com os objectivos de:

- Trazer, pela primeira vez, um evento destas características para uma região do interior de Portugal;
- Despertar o interesse da comunidade pela cultura e a arte contemporânea, neste caso, a arte urbana;
- Dotar de uma nova aparência estética os locais intervencionados;
- Permitir a construção de um roteiro de arte urbana na cidade.

O WOOL tem uma programação regular de eventos ligados à arte urbana. Cada evento inclui a criação de uma peça no espaço urbano. O processo poderá ser acompanhado ao vivo pelo público. Para além da intervenção, os artistas realizam uma actividade paralela (workshop ou conversa) de modo a promover um contacto directo entre artistas e cidadãos.

Tal como refere Ricardo Reis (2007), também aqui na cidade da Covilhã, estão a ser introduzidos elementos de arte urbana que poderiam ser explorados educacionalmente, mas até agora e em conversa com os organizadores do evento, ainda muito poucos docentes, entraram em contacto com os mesmos a fim de promover actividades com os alunos, explorando estes elementos e a presença de artistas na cidade.

A arte urbana tem características específicas que a distinguem dos outros tipos de arte. Ricardo Reis (2007), ao colocar a questão “*O que torna a arte pública tão importante como fonte educacional?*”, chegou a 8 respostas possíveis dessa análise:

- 1- Temos uma relação diária com ela uma vez que faz parte da rotina diária;
- 2- Encoraja a comunicação;
- 3- Estimula o pensamento e a imaginação;

⁹⁶ Remesar, Antoni (2000b) - Repensar el paisaje desde el rio. In MADERUELO, Javier - *Arte público: Arte y Naturaleza: actas del V curso*. Huesca: Diputación de Huesca.

⁹⁷ REIS, Ricardo, *Dissertação: Arte Pública Como Recurso Educativo*, Universidade de Lisboa - Faculdade de Belas Artes, 2007

- 4- Define um espaço e promove a inter comunicação com os utentes;
- 5- Expressa as qualidades, crenças e valores de diversas culturas e artistas;
- 6- Mostra-nos o nosso passado, presente e futuro;
- 7- Está intelectualmente e fisicamente acessível a todos;
- 8- Facilita a construção de narrativas individuais e diversas interpretações interdisciplinares.

Estes oito pontos que enunciámos são, elucidativos das possibilidades educativas que Ricardo Reis (2007) preconizou para a Arte Pública.

A Arte Urbana não é mais do que uma relevante mais-valia, que justifica claramente o uso educativo das obras de arte em espaços públicos. Se as obras de Arte Pública devem ser analisadas em contextos concretos significa que as aprendizagens que daí decorrem estão contextualizadas e são significativas para os indivíduos daquela comunidade. Pois, como defende Gardner (1990), as situações que facilitam a integração de novos conhecimentos acontecem quando as crianças se encontram em situações naturais, integradas em projectos, ou seja, em “*situações de aprendizagem contextualizadas*”.

IV.3.2. Estudo de caso feito por Ricardo Reis (2007)

Ricardo Reis, professor de Educação Visual e Tecnológica, na sua Dissertação de mestrado em Educação Artística, na Universidade de Lisboa - Faculdade de Belas-Artes, investigou o tema “Arte Pública como Recurso Educativo”.

A arte pública sempre foi um interesse pessoal para este docente e motivou-o a estudá-lo pedagogicamente. Depois de ter revisto muita literatura sobre o tema decidiu focar a sua pesquisa não nos professores ou artistas, mas sim nos estudantes.

IV.3.2.1. Metodologia:

O grupo de alunos estudado por Ricardo Reis compreendia alunos do 5º e 6º ano (2º ciclo do Ensino Básico) com idades entre os 10 e 12 anos que frequentavam escolas públicas em Portugal. Este docente tinha como objectivo descobrir o que este grupo de alunos sabia e pensava sobre arte pública. Optou por métodos quantitativos e escolheu uma pesquisa que facilitasse a comparação entre ambientes urbanos e alguns trabalhos de arte pública. A pesquisa explorou a percepção dos aspectos do conhecimento primário de arte, as competências de pensamento visual, meio de transporte de e para a escola, a idade, o sexo e estatuto socioeconómico dos alunos.

a) Colheita de dados:

Ricardo Reis elaborou um questionário com 27 questões de escolha múltipla. Algumas questões tinham como função, cruzamento de informação. As questões foram organizadas em três secções de acordo com a dimensão estética (questões de interpretação e conhecimento de arte); percepção visual (questões acerca da gramática de elementos visuais) e de função social (questões relacionadas com o papel da arte na sociedade). Ricardo Reis tentou formular as questões de forma adequada para estudantes daquela idade e distribuiu os inquéritos por duas escolas.

b) Amostragem:

Ricardo Reis escolheu três escolas em locais com numerosas obras de arte pública e outras três com muito pouco. A preocupação foi seleccionar uma amostra de várias regiões de Portugal: Litoral/Interior; Norte/Centro e Centro/Sul. Queria garantir, com isto, que a amostra fosse representativa dos estudantes de 5º e 6º ano.

As turmas de 5º e 6º ano em cada escola foram escolhidas ao acaso, perfazendo um total de 240 alunos (120 alunos em cada ano).

IV.3.2.2. Descrição e Discussão de Dados

Os dados foram processados utilizando o programa estatístico SPSS. Frequências estatísticas foram cruzadas para determinar padrões recorrentes em respostas e relacionamentos causa-efeito.

A) Desenvolvimento da percepção do espaço urbano:

Ricardo Reis refere, no seu estudo, Arnheim (2000:156) pois este autor sugere que factores intrínsecos e extrínsecos interagem no desenvolvimento da percepção do espaço urbano, quando ele afirma que o desenvolvimento mental das crianças está intimamente ligado à experiência sensorial. Baseado no resultado dos inquéritos, Ricardo Reis concluiu que os alunos que estão mais expostos a arte pública foram capazes de descrever melhor esses locais e desenhá-los.

B) Predisposição para notarem elementos artísticos:

Os dados da pesquisa de Ricardo Reis revelam que os estudantes eram muito atentos ao que os rodeava.

Mais de 90% disse que costumava dar atenção ao meio circundante. A maioria dá atenção a pessoas e carros que passam, e também a casas e outros edifícios, jardins, árvores e graffitis. Graffiti foi sem dúvida o que mais referiram que notavam os alunos em lugares com pouca arte pública. Em locais com muita arte pública, os estudantes referiram mais elementos artísticos.

C) Interesse dos estudantes na arte em geral:

O interesse dos estudantes em arte não está relacionado com a idade, mas sim influenciado pelo contexto familiar.

Os alunos com um background sociocultural privilegiado e com maior exposição à arte são influenciados para ver mais esculturas, monumentos, etc. Considerando que os alunos mais desfavorecidos apenas notem graffiti, isso apoia a teoria de que o desenvolvimento estético não é possível sem contacto com arte (Haissen 2000).

D) Interesse dos estudantes em arte pública em particular:

Os alunos de escolas rodeadas de arte pública revelam ver arte em mais lugares. Mencionaram visualização de arte em parques ou jardins da cidade, praças e rotundas, etc. Os dados do questionário confirmam que um contexto sociocultural, com vantagem, também é influente para determinar se os estudantes são ou não capazes de definir arte pública.

E) Apreciação em arte:

Neste estudo elaborado por Ricardo Reis os alunos residentes em locais com muita arte pública foram mais propensos a identificar, observar e falar sobre formas de arte que os alunos rodeados de pouca arte pública, uma vez que não possuíam vocabulário específico. Ambos os grupos de estudantes, ao falarem em arte pública, limitaram-se apenas a alguns elementos específicos: cor, forma e tamanho.

No entanto, estudantes de lugares com muita arte pública, têm mais capacidades cognitivas para avaliar qualitativamente. As respostas dos estudantes de lugares com pouca arte pública foram mais imediatas e emocionais.

IV.3.2.3. Considerações Finais

Após este estudo, Ricardo Reis, conseguiu entender melhor como os alunos percebem e vêem as obras de arte pública e como, o contacto diário com a mesma, influencia o desenvolvimento artístico. A arte pública, como recurso educacional, tem um papel vital na educação em geral, proporcionando aos estudantes as ferramentas necessárias para apreciar arte.

Esta arte está localizada para que todos devem ser capazes de apreciá-la, mas ainda existem pessoas sem acesso a esta linguagem específica de arte. Muitas vezes, desta falta de acesso e conhecimento de arte, resulta o vandalismo e a destruição de património importante. Isso explica porque a educação em arte é tão importante e porque as orientações no ensino, sobre a arte pública, são necessárias.

IV.3.2.3.1. Orientações para o diálogo com a arte pública

Com base nestes resultados, Ricardo Reis desenvolveu directrizes a seguir. O autor utiliza a palavra ‘diálogo’ porque pretende enfatizar o valor educativo da arte pública na aprendizagem formal e informal. Para o ‘dialogar’ com uma obra de arte é preciso personificá-la e torná-la mais compreensível. As orientações do autor não são apenas direccionadas a professores, mas também a pais interessados em contribuir para a Educação em arte dos seus filhos ajudando-os a tornarem-se mais atenciosos, competentes e observadores experientes.

As orientações do autor são as seguintes:

- 1- Arte pública deve ser analisada no contexto;
- 2- Assegurar o livre-trânsito às obras de arte pública é crucial;
- 3- Promover acções que promovam o contacto com a arte pública, a fim de melhorar o desenvolvimento da alfabetização visual;
- 4- Diálogo com obras de arte pública deve concentrar-se na apreciação do visualizador, aprovação e aceitação;
- 5- Fornecer oportunidades para experimentar espaços urbanos em que as obras de arte pública estão em exibição;
- 6- Facilitar o contacto com diferentes tipos de arte pública;
- 7- Desenvolver processos cognitivos das crianças através do contacto com obras de arte pública;
- 8- Reconhecer e conhecer os elementos da linguagem visual através da exploração da arte pública;
- 9- Desenvolver actividades que ensinem as crianças como olhar para elementos de arte em seu redor;
- 10- Promover diferentes tipos de actividades culturais e artísticas, especialmente em locais com pouca arte pública.

IV.3.3. Aplicação do Tema na prática de Ensino Supervisionada

Com o desenvolvimento deste trabalho, e em conversa com os organizadores do Wool - Festival de Arte Urbana da Covilhã, Dr^a Elisabet Carceller e Dr. Pedro Seixo Rodrigues, surgiu a oportunidade de, na prática pedagógica da autora deste relatório, com a turma do 7º E, na Quinta das Palmeiras, acompanhar os alunos ao centro da cidade e visitar as

intervenções de Arte Urbana, realizadas pelos artistas que se deslocaram à cidade nos últimos meses.⁹⁸

Desta conversa com os organizadores do Wool - Festival de Arte Urbana, surge então a ideia de um plano de aula a aplicar durante o 3º Período, onde os alunos do 7º E da Quinta das Palmeiras, vão visitar as intervenções feitas pelos artistas que participaram no Wool.

Também surgiu a oportunidade de a autora deste relatório organizar uma conferência para os alunos do 3º ciclo sobre Arte Urbana e sobre o Wool, dada pela Drª Elisabet Carceller e pelo Dr. Pedro Seixo Rodrigues, no âmbito da comemoração dos 25 anos da Escola Secundária Quinta das Palmeiras durante a Semana Artísris⁹⁹. No início desta conferência foi entregue e preenchido pelos alunos um questionário¹⁰⁰ (adaptado do inquérito aplicado por Ricardo Reis na sua dissertação).¹⁰¹

IV.3.3.1. Relatório da Atividade (Palestra sobre Arte Urbana e o Wool)

IV.3.3.1.1. Desenvolvimento da Atividade

A actividade, já anteriormente mencionada, foi ideia da autora deste relatório, embora tenha sido realizada com o auxílio dos restantes membros do Núcleo de Estágio de Artes Visuais da Escola Quinta das Palmeiras, e concretizada no dia 18 de Abril de 2012. Esta actividade teve lugar na mesma escola e constou de uma palestra, intitulada “Arte Urbana e o Wool”, proferida pelos organizadores do Wool - Festival de Arte Urbana Drª Elisabet Carceller e Dr. Pedro Seixo Rodrigues.

A autora deste relatório decidiu organizar um evento ligado ao tema da Arte Urbana, não só por este ser o tema deste trabalho de investigação, como também por este mesmo festival estar a ser organizado na cidade, surgindo assim a oportunidade de trazer este tema, tão pouco abordado, até à escola.

A palestra desenvolveu-se da seguinte forma: No início foi distribuído pelos alunos presentes um questionário sobre Arte Urbana. Após concluírem o preenchimento do mesmo, os organizadores do Wool, começaram por questionar os alunos sobre o que era, para eles, Arte Urbana. Seguidamente esclareceram os alunos sobre este tema, com auxílio de alguns vídeos de Arte Urbana. Finalizaram a palestra falando sobre o projecto Wool, sobre todas as intervenções feitas na cidade e os artistas que as elaboraram. A palestra foi finalizada com questões por parte dos alunos.

A palestra acabou por ter mais audiência do que aquela que inicialmente tinha sido previsto. Para além de terem comparecido as 3 turmas de 3º ciclo previstas, compareceram

⁹⁸ Apêndice XXIV: Emails trocados com Dr. Elisabet Carceller para organização da Palestra sobre “Arte Urbana e Wool”

⁹⁹ Semana Artísris (Semana das Artes e da Cor), organizada no âmbito dos 25 anos da Escola Secundária Quinta das Palmeiras dinamizada pelo Grupo de Artes Visuais, com a colaboração do respetivo núcleo de estágio e Departamento de Expressões.

¹⁰⁰ Apêndice XXV: Questionário sobre Arte Urbana Preenchido pelos alunos da ESQP.

¹⁰¹ Apêndice XXVI: Inquérito elaborado por Dr. Ricardo Reis na sua dissertação de Mestrado.

outras turmas do mesmo ciclo de ensino em que os professores se interessaram pelo tema e consideraram relevante a sua presença.

A divulgação da palestra foi feita pelos professores estagiários através de cartazes publicitários, colocados na escola e alguma informação no blogue do núcleo de estágio. Os organizadores do Wool também divulgaram na página de facebook do Festival.¹⁰²



Ilustração LXXII - Palestra “Arte Urbana e o Wool” com Dr. Elizabet Carceller e Dr. Pedro Seixo Rodrigues organizada pela autora deste relatório.

IV.3.3.2. Elaboração de um mural

Ainda no âmbito da comemoração do 25º Aniversário da Escola Secundária Quinta das Palmeiras, e para consolidar a atividade sobre Arte Urbana realizada, a autora deste relatório propôs à Direção da Quinta das Palmeiras, a elaboração de um mural numa das paredes da escola. Foi apresentado um projeto para o mural, pensado pela autora deste relatório, o qual foi aceite pela direção.¹⁰³

Posteriormente foram elaborados ofícios para serem entregues em diversas lojas de tintas para se conseguirem materiais para a elaboração do mural.¹⁰⁴ Conseguidas as tintas, iniciámos a nossa intervenção de Arte Urbana na escola.

A professora estagiária Márcia Pereira, com ajuda do colega estágio Francesco Pignatelli, fizeram a marcação com lápis grafite numa parede da escola, projectando a imagem na parede com um projectador de vídeo.

A actividade pintura de um mural abrangeu duas turmas de 7º ano da escola (7ªA e E). Durante as aulas de Educação Visual, os alunos das turmas deslocavam-se ao local, em

¹⁰² Apêndice XXVII: Imagens em vídeo retiradas pela professora estagiária Alda Amaro durante a palestra e entrevista feita pela autora do relatório para rádio da escola.

¹⁰³ Apêndice XXVIII: Proposta de mural apresentado à Direcção da ESQP.

¹⁰⁴ Apêndice XXIX: Ofícios para adquirir material para pintura de mural

pequenos grupos e podiam ter a experiência de pintar no mural com orientação da professora estagiária Márcia Pereira. Todos os alunos forma bastante participativos e mostraram-se entusiasmados e com vontade de colaborar na actividade.



Ilustração LXXIII - Pintura de mural na ESQP organizada pela autora deste relatório.

IV.3.3.3. Objetivos das Atividades (Palestra e Pintura de Mural)

Tal como em qualquer actividade desenvolvida, também esta tinha alguns objectivos concretos, tais como:

- Dar a conhecer, aos alunos, as diferentes áreas das Artes, nomeadamente a Arte Urbana;
- Desenvolver, nos alunos, a capacidade de observar e reconhecer manifestações de Arte Urbana presentes no dia-a-dia;
- Contribuir para o desenvolvimento cultural e artístico dos alunos, dando-lhes a possibilidade de interagir com alguém qualificado;
- Testar a capacidade de concentração e interesse dos nossos alunos por assuntos relacionados com as Artes;
- Criar um momento artístico um pouco diferente do que aquele que é normalmente vivido, por eles, na sala de aula;
- Mostrar aos alunos o alcance da Artes, nomeadamente da Arte Urbana;
- Abrir as mentalidades no mundo escolar, a nível de 3º ciclo, para o tema, pouco abordado nas escolas.

É de salientar, que todos os alunos presentes mostraram-se bastante atentos, interessados e participativos, também, durante a palestra.

IV.3.3.4. Aula/Visita às Intervenções de Arte Urbana.

IV.3.3.4.1. Resumo da aula

Início da aula com breve explicação sobre Arte Urbana. Definição de Arte Urbana, exemplos existentes em vários locais e também da cidade da Covilhã.

Visita às intervenções feitas pelos artistas que participaram no Wool - Festival de Arte Urbana.

IV.3.3.4.2. Plano de aula

Plano de aula: Vista de Estudo	
Lição: 57/58 Turma: 7ºE Data: 29/05/2012 Hora: 08h20m	Recursos: Carrinha da Escola Secundária Quinta das Pelmeiras
Actividades propostas para a aula: Breve explicação sobre Arte Urbana. Definição de Arte Urbana, exemplos existentes em vários locais e também da cidade da Covilhã. Conversa com os alunos sobre este tema. Visita as intervenções feitas pelos artistas que participaram no Wool - Festival de Arte Urbana.	
Objectivos / Conteúdos: Discutir as relações entre a arte e o lugar em que é exposta e fazer com que os alunos tenham contacto com obras de Arte Urbana. Promover o contacto com a Arte Urbana, a fim de melhorar o desenvolvimento da alfabetização visual. Reconhecer e conhecer os elementos da linguagem visual através da exploração da Arte Urbana.	
SUMÁRIO: Conversa com os alunos sobre Arte Urbana. Visita a obras de Arte Urbana na cidade.	FALTAS
	T.P.C
	F.M.
Avaliação: Avaliação através de observação directa da actividade.	AUSÊN.
	Observações:

Tabela XXVIII - Plano de Aula referente à Visita de Estudo às Intervenções de Arte Urbana do Wool-Festival de Arte Urbana da Covilhã.

IV.3.3.4.3. Considerações sobre a aula

a) Propósito da aula/visita:

A aula/visita de estudo às intervenções de Arte Urbana feitas na cidade da Covilhã pelo Wool - Festival de Arte Urbana foi uma actividade organizada pela professora estagiária Márcia Pereira em conjunto com o professor cooperante João Paulo trigueiros. Foi pensada para os alunos de Educação Visual da turma do 7ºE, tendo em conta a palestra dada pelos

organizadores do festival na Escola Secundária Quinta das Palmeiras sobre Arte Urbana e o mural pintado nesta mesma escola.

Assim, tiveram a possibilidade de conhecer melhor não só a cidade onde vivem e o seu centro histórico como também as intervenções de arte urbana realizadas na mesma.

Esta aula/visita possibilitou transcender a sala de aula e a matéria programada, acrescentando valores e conhecimentos à formação do aluno. Abriam-se portas à aprendizagem sobre arte urbana que veio consolidar os conhecimentos que os alunos adquiriram na palestra, portanto, constituiu uma actividade de grande peso para o desenvolvimento integral do aluno.

b) Objectivos de aprendizagem:

- Discutir as relações entre a arte e o lugar em que é exposta e fazer com que os alunos tenham contacto com obras de Arte Urbana.
- Promover o contacto com a Arte Urbana, a fim de melhorar o desenvolvimento da alfabetização visual.
- Reconhecer e conhecer os elementos da linguagem visual através da exploração da Arte Urbana.

c) Participantes:

Turma do 7ºE

d) Avaliação:

Avaliação através de observação directa da actividade.

e) Responsáveis pela participação e acompanhamento da actividade:

- Orientador Cooperante da UBI professor João Paulo Trigueiros
- Professora estagiária de Artes Visuais Márcia Pereira

f) Itinerário da Aula/Visita:

Saída da Escola Secundária Quinta das Palmeiras - 8h20m

Chegada ao centro da cidade da Covilhã (Pelourinho)

Conversa com os alunos sobre Arte Urbana

Visita a uma intervenção feita pelos alunos da Escola Secundária Campos Melo

Visita às intervenções feitas no festival Wool.

- Intervenção de Vhils
- Intervenção dos Arm Collective
- Intervenção da Btoy
- Intervenção do Kram (Extra Wool)

Chegada à escola Secundária Quinta das Palmeiras - 10h00m

g) Planeamento e descrição da Aula/Visita:

O primeiro passo da visita foi programar os locais a serem visitados e a sua ordem de forma a ganhar tempo para a chegada dos alunos à escola durante os 90 minutos de aula de Educação Visual.

A fase seguinte foi verificar a disponibilidade dos organizadores do festival de arte urbana para poderem acompanhar a turma durante a visita às intervenções. Devido a compromissos pessoais dos mesmos, este acompanhamento não se veio a verificar.

Após se conciliar o horário da visita, formularam-se as declarações de autorização da visita para os Encarregados de Educação. A organização de toda a visita foi relativamente rápida e, passada uma semana, os alunos receberam as declarações para os Encarregados de Educação assinarem.¹⁰⁵ Todos os alunos foram autorizados a participar.

No dia 29 de Maio todos compareceram às 08h20m na sala de Educação Visual da ESQP. Sem nenhum percalço saímos da escola divididos em dois grupos e, pouco tempo depois, chegou-se ao centro da cidade da Covilhã. Começámos por visitar uma intervenção feita pelos alunos da Escola Secundária Campos Melo no Largo de S. Silvestre, onde os alunos representaram, numa fachada de uma casa, locais importantes da cidade da Covilhã. Seguidamente visitaram-se as intervenções feitas pelo Wool. Iniciando a visita com a intervenção do Vhils na Rua Visconde da Coriscada (junto ao Sporting Shopping Center), passando depois à intervenção feita pelos Arm Collective (junto à Igreja de Santa Maria) e intervenção da Btoy no Largo Sra do Rosário, finalmente visitamos a última intervenção (extra wool) feita por Kram na Rua Jornal de Notícias. A visita demorou mais de uma hora, permitindo que os alunos conhecessem as intervenções feitas e tivessem um contacto directo com as mesmas. Durante a visita a professora estagiária Márcia Pereira, foi explicando aos alunos, cada uma das intervenções e quem foram os artistas que as realizaram, respondendo a todas as questões sobre as mesmas. Finda a visita, regressou-se à Escola Secundária Quinta das Palmeiras, dentro do horário previsto.

Durante a visita, os alunos mostraram-se bastante entusiasmados, curiosos e atentos. Esta visita foi muito importante para os alunos, permitindo que se conhecessem melhor, entre eles, e aos professores de Educação Visual, que estivessem em contacto uns com os outros fora do contexto de sala de aula e que conhecessem outros elementos da linguagem visual, através da exploração das obras de Arte Urbana.

¹⁰⁵ Apêndice XXX: Pedidos de autorização enviadas aos Encarregados de Educação.



Ilustração LXXIV - Visita de Estudo com a turma do 7ºE às intervenções de Arte Urbana no âmbito do Wool - Festival de Arte Urbana da Covilhã organizada pela autora deste relatório.

IV.3.3.5. Resultados do questionário aplicado

A) Hábitos de observação do meio envolvente

Tentámos também saber se, na sua deslocação para a escola, os alunos reparavam no que os rodeia, pelo que 84% do total de alunos diz reparar *habitualmente* ou *muitas vezes*.

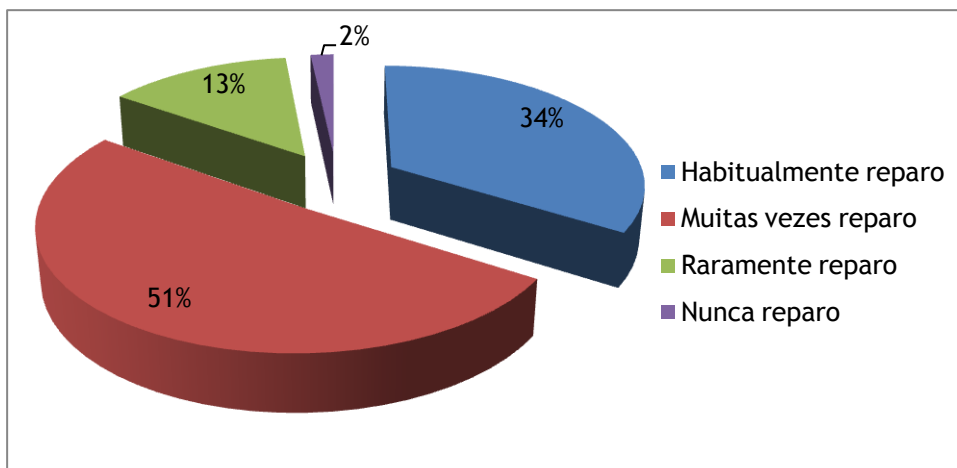


Ilustração LXXV - Gráfico representativo da frequência de hábitos de observação do meio envolvente.

Dos resultados obtidos ressalta ainda que, 63,3% dos alunos reparam mais nas pessoas e 60,% nos carros.

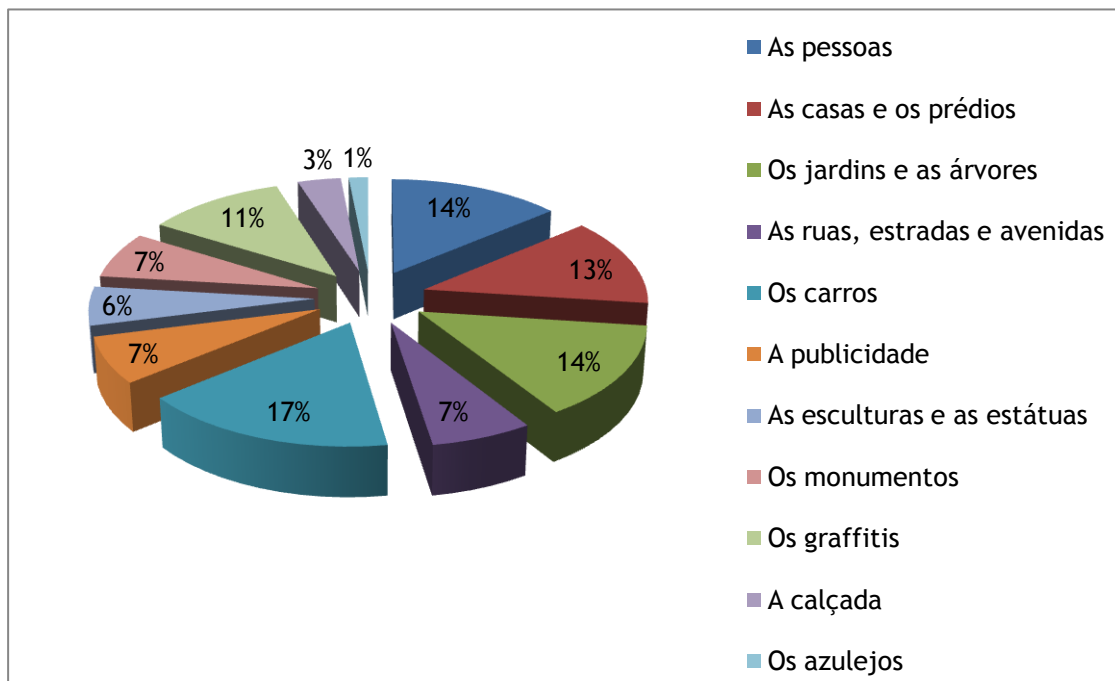


Ilustração LXXVI - Gráfico representativo dos hábitos de observação do meio envolvente.

B) Valorização da arte em geral

Quando foi pedido aos alunos que assinalassem numa lista o que para eles poderia ser considerado uma obra de arte, os alunos escolheram do seguinte modo: 16% assinalou *pintura*, 11% *escultura*, desenho e graffiti, 10% *monumento*, e 9% assinalaram *estátua*.

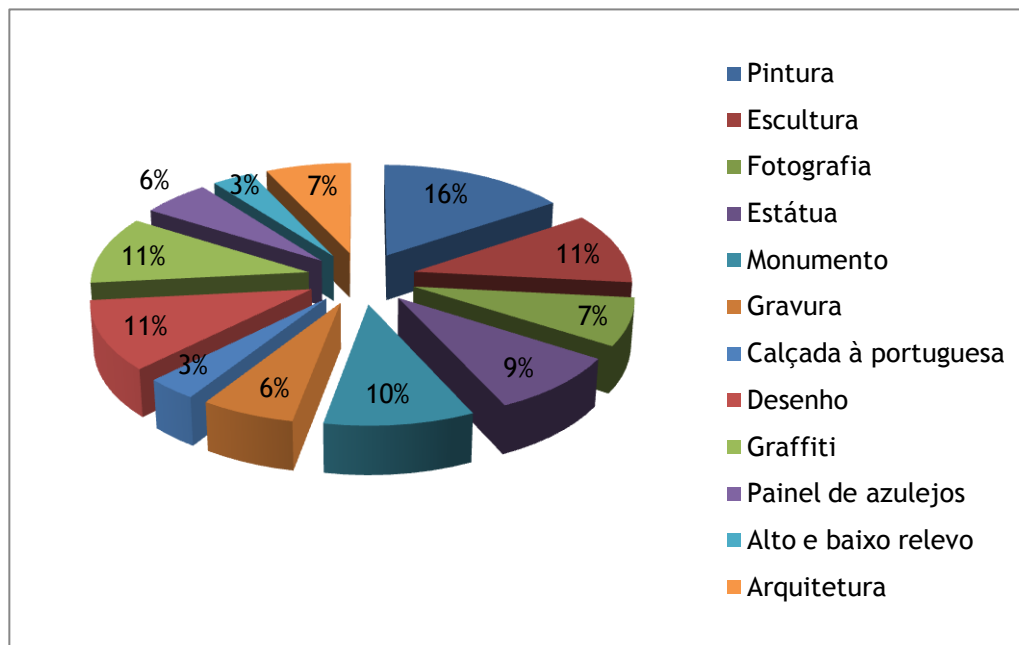


Ilustração LXXVII - Gráfico representativo da valorização da arte em geral pelos alunos.

C) Locais onde os alunos já estiveram em frente a obras de arte

A grande maioria dos alunos (97%) afirma já ter estado em frente a uma obra de arte. Esse contacto com a arte ocorreu maioritariamente num *museu ou galeria* (30%), mas também numa rua ou avenida (18%), numa *rotunda* (15%) ou numa *escola* (10%).

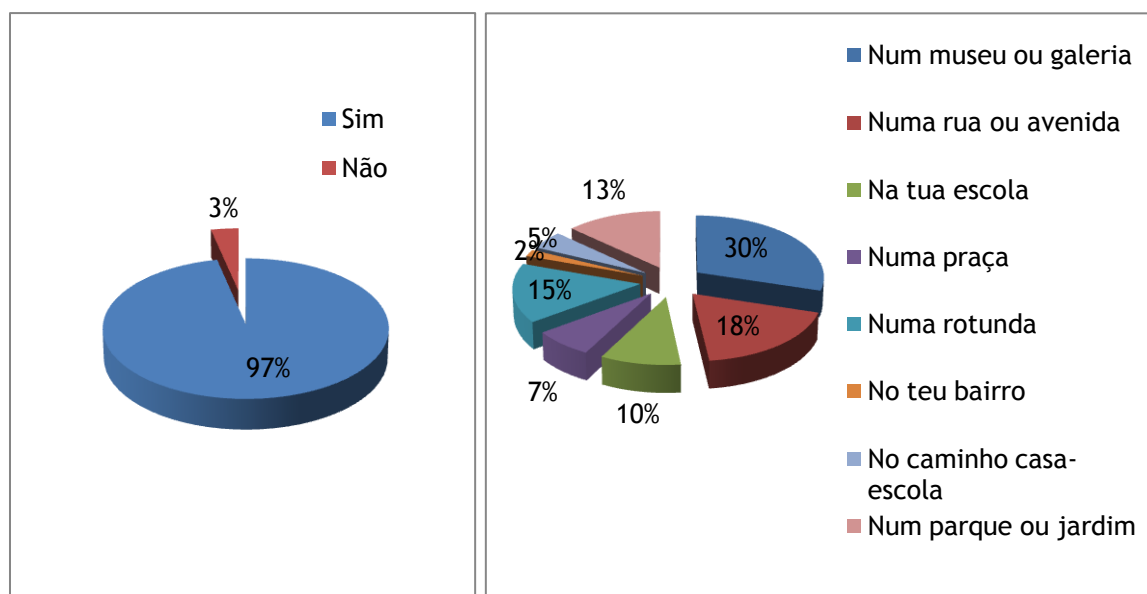


Ilustração LXXVIII - Gráficos representativos do contacto dos alunos com obras de arte.

D) Valorização da Arte Urbana

Ao longo de todo o questionário foram sendo feitas perguntas que visavam recolher dados sobre o conhecimento, o reconhecimento, a valorização e a utilidade que os alunos conferiam à Arte Urbana.

Assim, 83% dos alunos diz concordar que “as obras de arte são aquelas que são feitas por artistas”. Assim como, 92% dos alunos que dizem que “as peças colocadas nas ruas praças, avenidas, etc. podem ser consideradas obras de arte” concordam com a ideia de que “existem obras de arte nas ruas praças, avenidas, etc.”.

Também 93% dos alunos que consideram serem “obras de arte” as peças colocadas nas ruas discordam da ideia de “as obras de arte são apenas as que estão nos museus ou galerias”.

Constatámos ainda que existe uma relação muito significativa entre as respostas de aqueles alunos que discordam da ideia de que “as obras de arte são apenas as que estão nos museus ou galerias” e aqueles que concordam com a ideia de que “existem obras de arte nas ruas praças, avenidas, etc.”

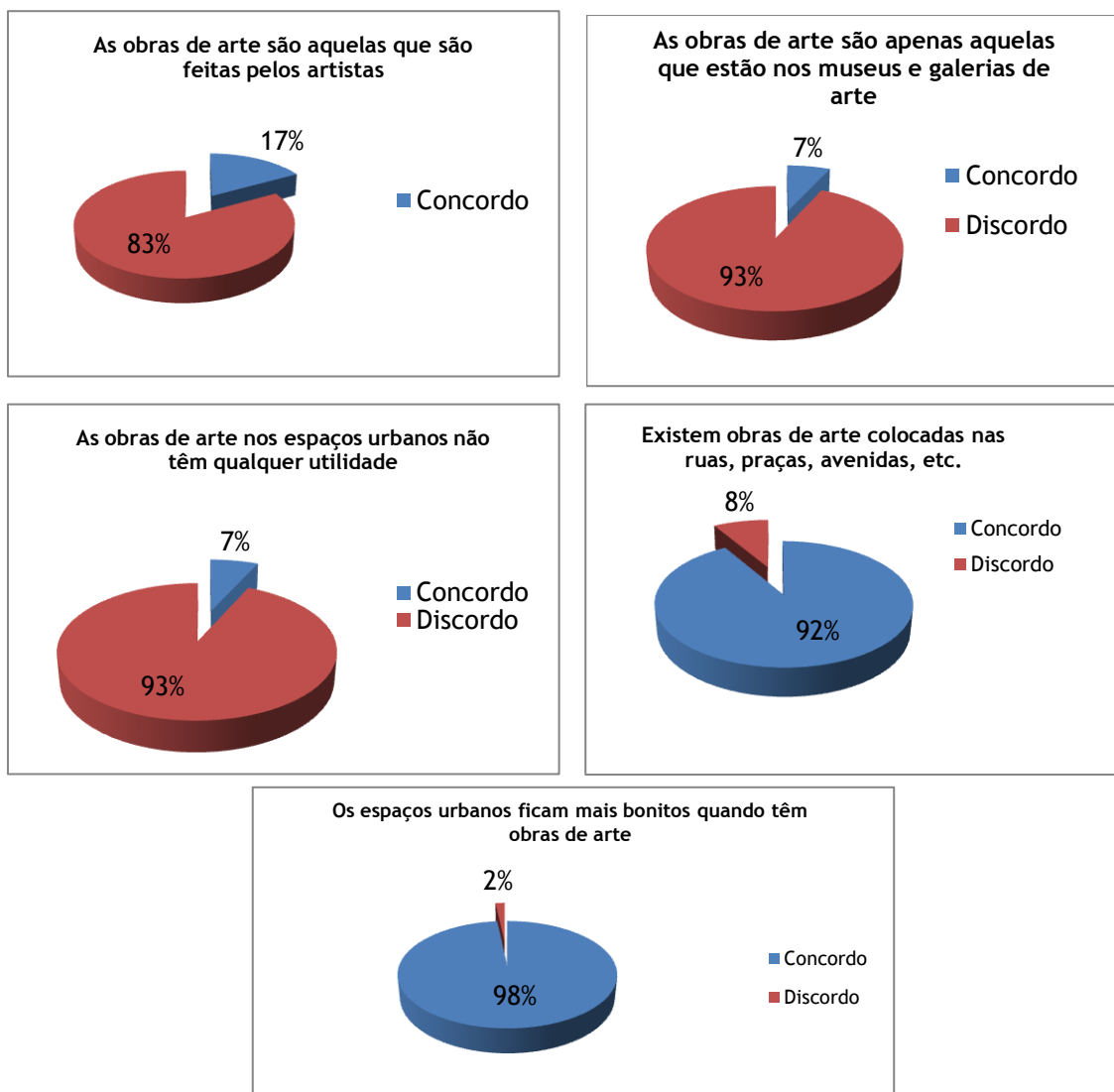


Ilustração LXXIX - Graficos Representativo da valorização das Obras de Arte Urbana pelos alunos.

A grande maioria dos alunos inquiridos (93%) discorda da ideia de que as obras de arte colocadas nos espaços urbanos *não têm qualquer utilidade*, ao mesmo tempo que 98% dos alunos concordam que os espaços urbanos ficam mais bonitos quando têm obras de arte, existindo uma relação de bastante significação entre estas duas variáveis.

E) Capacidade para apreciar arte

Como já referimos anteriormente, mais de 84% dos alunos afirmam reparar *habitualmente* ou *muitas vezes* no que os rodeiam. No entanto, apenas 81% dizem reparar *sempre* ou *quase sempre* em todos os pormenores quando estão a observar uma obra de arte.

Ao olhar para uma obra de arte, 95% dos alunos da amostra dizem perceber *sempre* ou *quase sempre* o que estão a ver.

Dar atenção ao que está em redor das obras é o que dizem fazer 83% do total dos alunos da amostra e, como sabemos, considerar o contexto em que as obras de Arte Urbana estão inseridas é um dado importante na apreciação das mesmas. Apenas 36% dos alunos tem necessidade de conhecer o artista e outras das suas obras, contra 41% que raramente o faz.

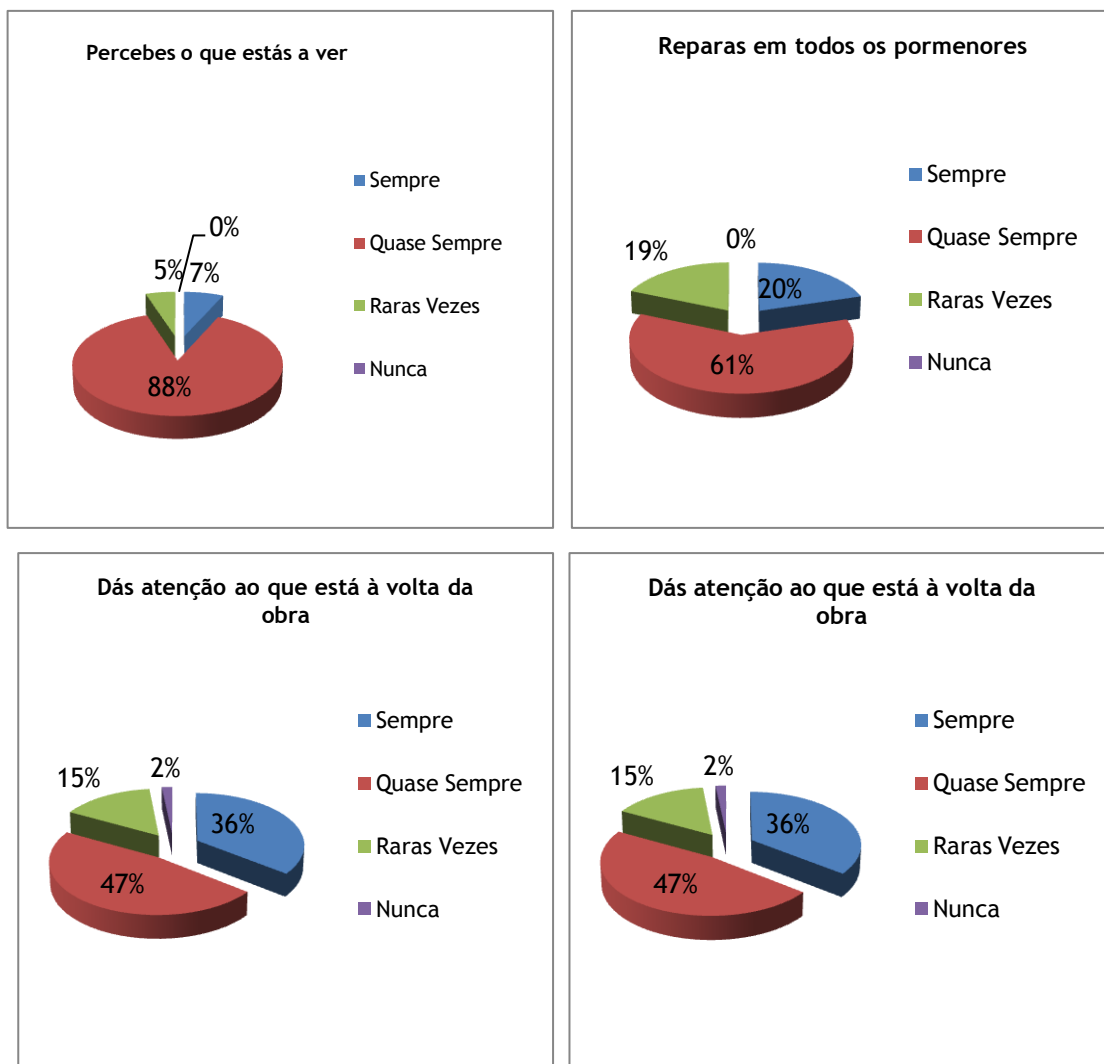


Ilustração LXXX - Gráficos Representativos da capacidade dos alunos em apreciar arte.

Quando questionados sobre Arte Urbana, 85% indicou já ter ouvido falar sobre o tema e apresentavam conhecimento sobre o mesmo, 85% indicou que *Arte Urbana é a Arte que está nas ruas, praças, avenidas, etc.*, para comprovar ainda mais este conhecimento por parte dos alunos sobre Arte Urbana, 95% dos alunos respondeu que *as peças feitas e colocadas nas ruas, praças, avenidas, etc. podem ser consideradas “obras de arte”*.

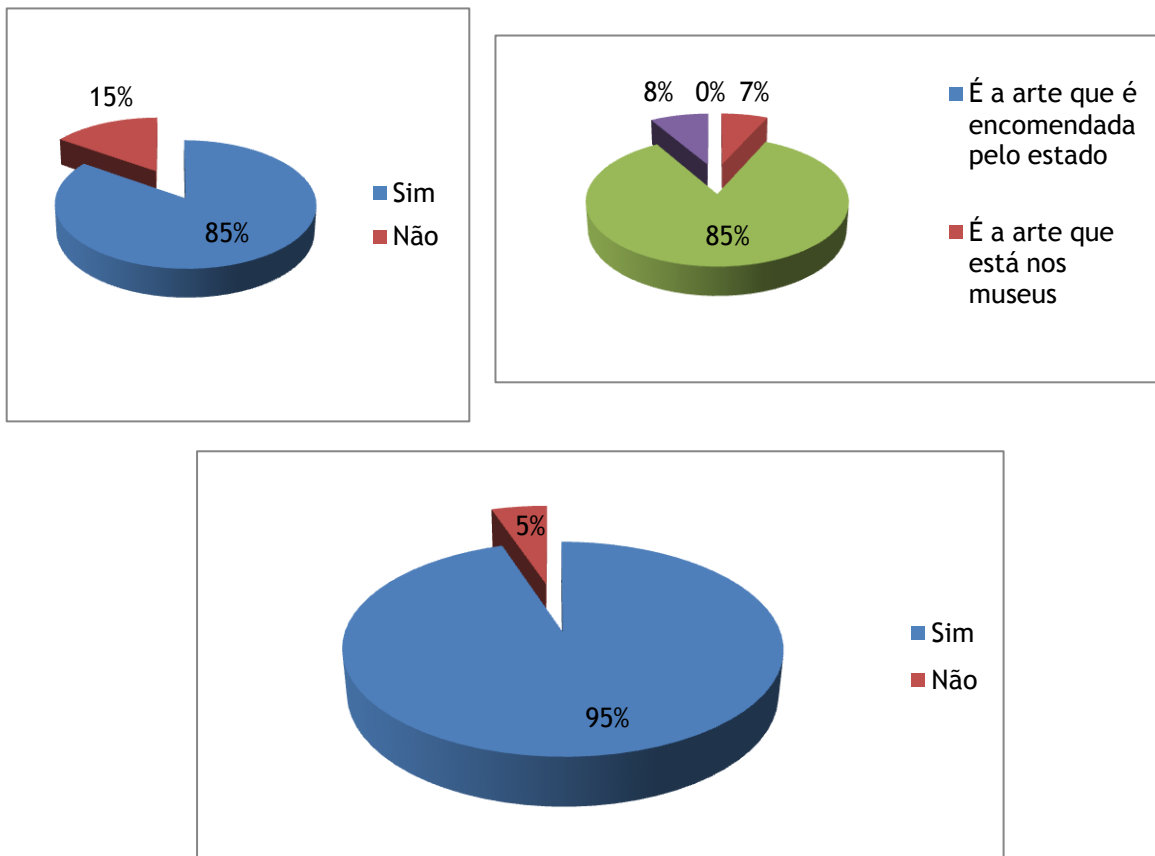


Ilustração LXXXI - Gráficos Representativos sobre conhecimento dos alunos em Arte Urbana.

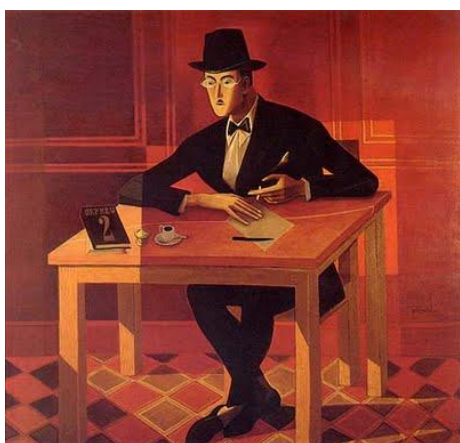


Ilustração LXXXII - “Retrato de Fernando Pessoa” (1954), Almada Negreiros. Museu da Cidade de Lisboa



Ilustração LXXXIII - Graffiti com Stencil feito por Banksy - Londres

Perante duas imagens, uma de um quadro e outra de uma escultura num jardim, era perguntado aos alunos qual das duas representava uma obra de Arte Urbana: 3% disseram que era a pintura, 63% o graffiti com stencil, 34% disseram que eram as duas.

Quando questionados se os professores já alguma vez falaram sobre as peças de arte nas ruas, praças, avenidas, etc. 51% dos alunos responderam que sim, 49% dos alunos responderam que não.

Os elementos da gramática visual que mais chamam a atenção dos alunos quando observam obras de Arte Urbana são, por esta ordem, *a cor*, *o tamanho* e *a forma*, escolhidas respectivamente por 20%; 15% e 11% dos alunos do total da amostra.

Na opinião dos alunos, as obras de arte feitas e colocadas nas ruas, praças, avenidas, etc. servem para que as pessoas possam ter um maior contacto com a arte (42%) e para tornar os espaços mais bonitos (41%).

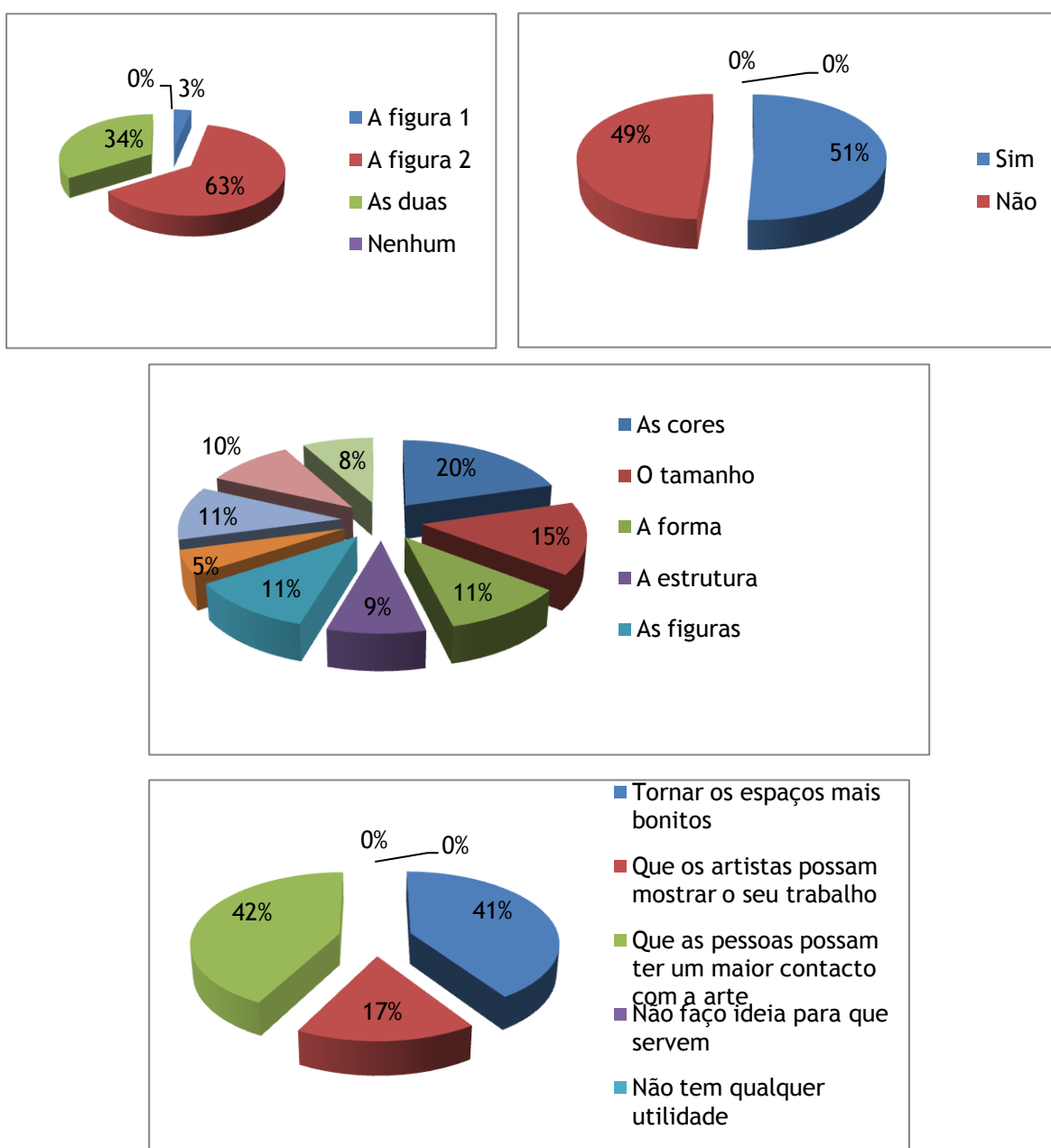


Ilustração LXXXIV - Gráficos Representativos da observação dos alunos perante Arte Urbana.

